

REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

LOGOTERAPIA E ABUSO PSICOLÓGICO: CAMINHOS DE RESSIGNIFICAÇÃO PARA MULHERES BRASILEIRAS

LOGOTHERAPY AND PSYCHOLOGICAL ABUSE: PATHS OF RESIGNIFICATION FOR BRAZILIAN WOMEN

LOGOTERAPIA Y ABUSO PSICOLÓGICO: CAMINOS DE RESIGNIFICACIÓN PARA MUJERES BRASILEÑAS

Gabriel Dias Ferraz[1], Magda Galera dos Santos Veiga[2], Rosemeire Santiago[3], Vanessa de Oliveira Massavelli[4]

e59263
https://doi.org/10.63026/acertte.v5i9.263

PUBLICADO: 09/2025

RESUMO

O abuso psicológico contra mulheres constitui uma forma recorrente de violência no Brasil, ainda que muitas vezes oculta ou minimizada socialmente. Apesar de avanços em campanhas de conscientização, essa violência continua afetando significativamente a vida de inúmeras mulheres. Caracterizado por manipulação, humilhação, controle e intimidação, o abuso psicológico compromete a autoestima, limita a autonomia e perpetua ciclos difíceis de romper. Neste contexto, a Logoterapia, abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl, apresenta-se como recurso promissor para a reconstrução do sentido existencial e o fortalecimento da resiliência. Fundamentada na "vontade de sentido" e na liberdade interior, propõe que, mesmo diante das circunstâncias mais adversas, a pessoa possa escolher sua atitude e encontrar um propósito para a vida. Este estudo, de natureza qualitativa, bibliográfica e documental, analisa obras de Frankl e literatura especializada sobre violência psicológica e saúde mental. Os resultados indicam que os princípios logoterapêuticos favorecem a recuperação da identidade e da dignidade das mulheres, auxiliando na transformação do trauma em crescimento interior. Conceitos como "otimismo trágico" e "responsabilidade diante do sofrimento" mostram que é possível ressignificar a dor e projetar novos caminhos de vida. Conclui-se que a Logoterapia representa um instrumento relevante para o enfrentamento da violência psicológica e para o fortalecimento da saúde mental e social das mulheres no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Abuso psicológico. Violência contra a mulher. Logoterapia. Sentido de vida. Resiliência.

ABSTRACT

Psychological abuse against women constitutes a recurring form of violence in Brazil, although often hidden or socially minimized. Despite progress in awareness campaigns, this form of violence continues to impact the lives of countless women. Characterized by manipulation, humiliation, control, and intimidation, psychological abuse undermines self-esteem, restricts autonomy, and perpetuates difficult-

[1] Graduado em Filosofia pela Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília (2021). Pós-graduado em Educação Clássica (FASEM), Psicologia Clínica (FACUMINAS) e Logoterapia e Análise Existencial (Centro Universitário Católico Ítalo-Brasileiro).

[2] Graduada em Psicologia pela Universidade de Guarulhos (2011). Pós-graduada em Logoterapia e Análise Existencial (Centro Universitário Católico Ítalo-Brasileiro).

[3] Graduada em Teologia, Tradução e Interpretação e Pedagogia. Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com ênfase no Terceiro Setor. Pós-graduada em Terceiro Setor, Aconselhamento de Adolescentes, Terapia Familiar Sistêmica, Terapia Comunitária Integrativa, Logoterapia e Análise Existencial. Atuou como professora, palestrante e diretora de ONG na área de adoção. É fundadora e diretora executiva do CERVI (Centro de Reestruturação para a Vida).

[4] Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2000), possui pós-graduação em Gestão Pedagógica nas Instituições Educacionais pelas Faculdades Integradas Claretianas, em parceria com o SIEEESP (2008), e especialização em Logoterapia e Análise Existencial Frankliana pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro, com conclusão prevista para 2025.

©2025. Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

to-break cycles. In this context, Logotherapy, a psychotherapeutic approach developed by Viktor Frankl, emerges as a promising resource for reconstructing existential meaning and strengthening resilience. Grounded in the "will to meaning" and inner freedom, it proposes that even in the most adverse circumstances, individuals can choose their attitude and find a purpose for life. This qualitative, bibliographic, and documentary study analyzes Frankl's works and specialized literature on psychological violence and mental health. The findings indicate that logotherapeutic principles support the recovery of women's identity and dignity, assisting in the transformation of trauma into inner growth. Concepts such as "tragic optimism" and "responsibility in the face of suffering" demonstrate that pain can be re-signified and new life paths can be envisioned. It is concluded that Logotherapy represents a relevant instrument for addressing psychological violence and for strengthening women's mental and social health in the Brazilian context.

Keywords: *Psychological abuse. Violence against women. Logotherapy. Meaning in life. Resilience.*

RESUMEN
El abuso psicológico contra las mujeres constituye una forma recurrente de violencia en Brasil, aunque muchas veces permanece oculta o socialmente minimizada. A pesar de los avances en campañas de concienciación, esta violencia sigue afectando significativamente la vida de innumerables mujeres. Caracterizado por la manipulación, la humillación, el control y la intimidación, el abuso psicológico debilita la autoestima, limita la autonomía y perpetúa ciclos difíciles de romper. En este contexto, la Logoterapia, enfoque psicoterapéutico desarrollado por Viktor Frankl, se presenta como un recurso prometedor para la reconstrucción del sentido existencial y el fortalecimiento de la resiliencia. Fundamentada en la "voluntad de sentido" y la libertad interior, propone que, incluso ante las circunstancias más adversas, la persona puede elegir su actitud y encontrar un propósito en la vida. Este estudio, de carácter cualitativo, bibliográfico y documental, analiza obras de Frankl y literatura especializada sobre violencia psicológica y salud mental. Los resultados indican que los principios logoterapéuticos favorecen la recuperación de la identidad y la dignidad de las mujeres, ayudando en la transformación del trauma en crecimiento interior. Conceptos como el "optimismo trágico" y la "responsabilidad frente al sufrimiento" demuestran que es posible resignificar el dolor y proyectar nuevos caminos de vida. Se concluye que la Logoterapia representa una herramienta relevante para enfrentar la violencia psicológica y fortalecer la salud mental y social de las mujeres en el contexto brasileño.

Palabras clave: *Abuso psicológico. Violencia contra la mujer. Logoterapia. Sentido de vida. Resiliencia.*

INTRODUÇÃO

O abuso psicológico contra mulheres é uma realidade alarmante no Brasil, frequentemente invisibilizado, mas com sérias consequências para a saúde emocional das vítimas. Este artigo tem como objetivo compreender como a Logoterapia pode auxiliar mulheres em contextos de abuso psicológico, mostrando-lhes a capacidade que cada uma delas possui de encontrar um sentido diante das adversidades. Busca-se analisar a aplicação da Logoterapia como ferramenta terapêutica, proporcionando às vítimas de abuso psicológico a capacidade de reconstruir suas vidas a partir da busca por sentido, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. A questão central que guia este estudo é: Como a Logoterapia pode contribuir para a superação do abuso psicológico e fortalecer a resiliência das mulheres? A relevância está na importância de oferecer alternativas eficazes para o enfrentamento do sofrimento psicológico, contribuindo para a melhoria da saúde mental das mulheres em situação de abuso. A originalidade deste trabalho reside na aplicação da Logoterapia como uma abordagem terapêutica inovadora nesse contexto.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A presente discussão parte dos conceitos apresentados na fundamentação teórica para analisar, de forma crítica e aplicada, como a Logoterapia pode contribuir significativamente para o processo de reconstrução da identidade, da dignidade e do sentido de vida de mulheres que vivenciaram a violência psicológica (FRANKL, 2024).

Frankl (2005) defende que a última das liberdades humanas é a própria capacidade de ser livre frente a qualquer situação. É justamente essa perspectiva que torna a Logoterapia um recurso valioso para mulheres que enfrentam o abuso psicológico. Além disso, ele ressalta que "o ser humano é capaz de transformar o sofrimento em realização e a tragédia em triunfo" (Frankl, 1985, p. 162).

Tendo em conta isso, abaixo pode-se ver um poema de Arlete Castro (2019), que fala um pouco sobre a experiência das mulheres que sofrem abuso. As mulheres, representadas pela flor, possuem inocência, pureza e beleza. No entanto, algumas situações surgem e lhes sugam a segurança, a autoestima, a inocência, deixando marcas profundas em suas peles e em suas almas.

Hibernação
Nasceu flor para encantar os alados do jardim
Abandonada ao sabor do tempo
Despertou outros desejos de adorno
Que não eram destino seu.
O jardim lhe era estranho,
Colhida a outro canteiro
A cobiça por teus cheiros
Maculava tua alva cor...
Roubaram-lhe a beleza
Despetalaram-na, sem rega,
A pureza casta molestada...
Longe dos zelos do jardineiro.
Porém tua raiz abissal
Tinha alma incubada de liberdade…
…A ordem sonhada.
Espalhou odor e beleza
Sobre as dores, cicatriz.
Broto e sequência....
Semente alada.
Foi ser feliz
Como for...
Como sempre
Flor

(Arlete Castro, 2019)

1 METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, com o objetivo de compreender as possíveis contribuições da Logoterapia para mulheres em situação de abuso psicológico. Buscou-se investigar como essa abordagem terapêutica pode auxiliar as vítimas a ressignificar suas experiências e encontrar sentido diante do sofrimento vivenciado.

Como procedimento metodológico, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental, com base em obras de Viktor Frankl, o criador da Logoterapia, além de artigos científicos, livros e publicações especializadas que abordam a violência psicológica contra a mulher e suas implicações

na saúde mental. O levantamento de material foi realizado por meio de plataformas acadêmicas como Google Acadêmico, SciELO e sites institucionais confiáveis, que forneceram suporte teórico relevante para a análise proposta.

A revisão bibliográfica permitiu a construção de um panorama conceitual sobre a Logoterapia e sua aplicabilidade no contexto da violência psicológica, identificando seus princípios fundamentais e suas possíveis contribuições práticas no acolhimento e cuidado às mulheres em situação de vulnerabilidade.

2 TIPOS DE VIOLÊNCIA SEGUNDO A LEI MARIA DA PENHA

As consequências do abuso psicológico contra as mulheres são uma das situações mais difíceis de serem evitadas e tratadas, uma vez que estas mulheres, vítimas, na maioria das vezes de seus próprios companheiros, mantêm-se no relacionamento afetivo-conjugal por muito tempo, ora por medo, ora por dependência financeira ou emocional (SILVA, 2019).

Desde o início, faz-se necessário explicitar a diferença entre os termos “violência” e “abuso”. Apesar de serem bem parecidos e, em determinados momentos, intercambiáveis, eles possuem uma diferença. Enquanto que “violência se refere a atos mais isolados, sem necessariamente um padrão de repetição, o abuso costuma se referir a um padrão prolongado de comportamento violento em relação ao outro” (MINAYO, 2006).

O artigo 5º da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) define a “violência doméstica” em três âmbitos cruciais: a unidade doméstica, o âmbito familiar e as relações íntimas de afeto. A unidade doméstica corresponde ao espaço de convívio permanente, independentemente de vínculos familiares formais, incluindo pessoas agregadas esporadicamente. O âmbito familiar, por sua vez, abrange a comunidade formada por indivíduos que se consideram aparentados, unidos por laços naturais, afinidade ou vontade expressa. Já as relações íntimas de afeto compreendem situações em que o agressor convive ou conviveu com a vítima, independentemente de coabitação. Essa conceituação busca dar conta da complexidade das interações em que a violência doméstica pode ocorrer, reconhecendo que os vínculos afetivos e de convivência ultrapassam a estrutura familiar tradicional (BRASIL, 2006).

A definição legal da Lei Maria da Penha, portanto, vai além da simples análise do abuso emocional no espaço domiciliar. Ela abrange todas as formas de violência que uma mulher pode sofrer em diferentes contextos de convivência e relacionamento, sejam eles no trabalho, na escola, na rede de amigos, nas ruas ou em qualquer outro ambiente. Essa amplitude é fundamental para reconhecer que a violência doméstica não se restringe ao lar, mas pode manifestar-se em variados contextos sociais. Ao contemplar esses múltiplos cenários, a lei busca assegurar a proteção integral da mulher, prevenindo e combatendo a violência em todas as suas formas e manifestações (BRASIL, 2006).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) define o abuso emocional como qualquer conduta que cause danos emocionais, diminuição da autoestima, ou que vise degradar e controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões da vítima. Essa definição abrange uma ampla gama de



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

comportamentos abusivos, desde humilhações e insultos até o controle excessivo e a manipulação emocional. A frequência desse tipo de violência varia consideravelmente de acordo com a faixa etária analisada, o que demonstra a necessidade de estratégias de prevenção e intervenção específicas para cada grupo populacional (OMS, 2012).

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006, de 7 de agosto de 2006) elenca cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, moral, sexual, patrimonial e psicológica. Para efeito deste artigo, que foca no abuso psicológico e na contribuição da Logoterapia para a superação de traumas, faremos um resumo de cada tipo.

A violência física se manifesta em condutas que ofendem a integridade ou a saúde corporal da mulher. Já a violência moral se configura em ações como calúnia ou difamação. É crucial entender que ambas as formas de violência deixam marcas profundas, mesmo que de naturezas distintas (BRASIL, 2006).

O abuso sexual, por sua vez, abrange qualquer conduta que force a mulher a presenciar, manter ou participar de relações sexuais não desejadas, seja por intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Paralelamente, a violência patrimonial se caracteriza por ações que envolvem retenção, subtração ou destruição de bens, documentos, valores ou recursos econômicos da vítima (BRASIL, 2006).

O abuso emocional ou violência psicológica se define por condutas que causam danos emocionais, diminuem a autoestima, prejudicam o desenvolvimento pessoal e profissional da vítima ou visam degradar e controlar seus comportamentos, crenças e decisões. Essas ações podem incluir ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insultos, chantagens, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir (BRASIL, 2006; OMS, 2012).

O abuso emocional se instala gradualmente, com o agressor isolando a vítima de familiares e amigos, e exercendo vigilância constante. Esse tipo de violência pode levar a sérios danos emocionais, como baixa autoestima, depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e aumento do uso de substâncias. Sem contar, a vulnerabilidade da vítima pode desencadear alterações no sistema endócrino (FONSECA et al., 2020).

3 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA SAÚDE MENTAL

Dados do IBGE (Agência de Notícias IBGE, 2021) revelam que, em 2019, 17,4% da população brasileira com 18 anos ou mais, o que equivale a 27,6 milhões de pessoas, sofreram violência psicológica. Esse dado alarmante evidencia a magnitude do problema no país, destacando a necessidade de políticas públicas eficazes para combater a violência contra a mulher. A violência sexual, por sua vez, deixou marcas profundas, com 60,2% das vítimas sofrendo consequências psicológicas, 19,4% consequências físicas e 5% consequências sexuais. Esses números reforçam a gravidade da violência sexual e a necessidade de atendimento especializado para as vítimas.

Para compreendermos a dimensão do problema, é crucial analisar as estatísticas da violência psicológica no Brasil. Esses dados nos permitem ter uma visão clara e objetiva do impacto desse tipo de abuso na vida das mulheres.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes a 2019 são alarmantes: 27,6 milhões de pessoas de 18 anos ou mais disseram sofrer agressão psicológica nos 12 meses anteriores à entrevista, ou seja: 17,4% da população nesse grupo etário e 95,0% das pessoas que sofreram alguma violência (Agência de Notícias IBGE, 2021).

É importante ressaltar que o percentual de mulheres vítimas (18,6%) supera o dos homens (16,0%). A violência psicológica, apesar de sutil e discreta, é uma das formas mais agressivas de abuso. Ela se instala lentamente na vida da vítima, deixando marcas profundas, mesmo que invisíveis. O maior desafio é identificar as condutas que caracterizam o abuso emocional. O controle das ações da parceira, como tarefas, despesas, relações sociais e comportamentos, é um sinal de alerta (Agência CNJ de Notícias, 2023). Além disso, estudos sobre a Síndrome de Burnout evidenciam que o estresse crônico e a sobrecarga emocional podem levar a quadros de adoecimento mental, o que reforça a necessidade de estratégias preventivas e de apoio psicossocial (DE LIBERAL, DE PAULA, 2024; DE SOUSA, DE LIBERAL, 2024).

Para fins judiciais, a comprovação do abuso psicológico pode ser feita por meio de depoimentos de testemunhas, relatórios médicos e psicológicos, arquivos audiovisuais, prints, cartas e outros documentos. Essas provas são essenciais para garantir a responsabilização do agressor e a proteção da vítima (BRASIL, 2021; CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2022).

4 PRINCÍPIOS DA LOGOTERAPIA E SUA APLICABILIDADE CLÍNICA

A Logoterapia, fundada por Viktor Frankl, é uma abordagem psicoterapêutica que se distingue das demais pelo foco no sentido da vida como motor essencial da existência humana. Frankl sustentava que a busca por significado pessoal, sobretudo em meio às adversidades, é o principal motivador do comportamento humano e que a perda desse sentido conduz ao sofrimento psíquico profundo (FRANKL, 2008).

Viktor Emil Frankl (1905-1997), psiquiatra austríaco, fundou a chamada Terceira Escola Vienense de Psicologia, conhecida como “Análise Existencial” ou “Logoterapia”. Sobrevivente dos campos de concentração nazistas, dedicou toda a sua vida profissional e acadêmica a demonstrar que a vida possui um sentido que pode ser descoberto mesmo nas circunstâncias mais trágicas. Essa dedicação rendeu-lhe reconhecimento internacional, incluindo vinte e nove doutorados honoris causa concedidos por universidades de vários países (FRANKL, 2019; PETER, 1999). Como afirma Peter (1999, p. 15), “Frankl transformou sua experiência pessoal de sofrimento em missão, empenhando-se em difundir a Logoterapia como caminho de esperança e responsabilidade existencial”.

Para mulheres que vivenciam o abuso psicológico, a Logoterapia oferece um caminho para reencontrar o sentido da vida e superar os traumas. A abordagem de Frankl (2024) enfatiza a busca por significado como força motriz da existência humana, mesmo diante das maiores adversidades.

Nesse contexto, a Logoterapia auxilia a vítima a encontrar sentido em suas experiências, encontrando um propósito maior em meio ao sofrimento. E, a essência dessa teoria está no princípio de que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, o ser humano pode encontrar sentido em sua vida, o que o ajuda a sobreviver e a transcender a dor (FRANKL, 2017).

Além disso, a Logoterapia propõe que a vida tenha um sentido intrínseco, o qual se manifesta de formas únicas para cada indivíduo, seja através de suas ações, sofrimentos ou amores. Dessa maneira, ela se destaca das terapias que buscam resolver os problemas do paciente com foco apenas na eliminação dos sintomas, incentivando em vez disso uma reflexão sobre como o sofrimento pode ser superado quando se encontra um significado em sua vivência (FRANKL, 2008).

Mesmo diante do sofrimento, o ser humano pode assumir uma postura de responsabilidade diante da própria existência, encontrando um sentido pessoal que o impulsiona a continuar (FRANKL, 2008).

4.1 Vontade de sentido

A Logoterapia também introduz o conceito de "vontade de sentido". Ao contrário das abordagens que enfatizam a "vontade de prazer" (como a psicanálise de Freud) ou a "vontade de poder" (como a psicologia de Adler), a Logoterapia acredita que o principal desejo humano é o de viver de acordo com seu sentido existencial. Essa busca por sentido é vista como essencial para o equilíbrio emocional e psicológico, especialmente em indivíduos que enfrentam situações extremas de sofrimento, como o abuso psicológico (FRANKL, 2017).

Sigmund Freud (2013), em sua teoria psicanalítica, propôs que o principal motivador das ações humanas seria a busca por prazer e a satisfação de instintos, como a busca pela redução da tensão e a busca por gratificação pessoal. Para Freud, as ações humanas seriam essencialmente orientadas pela vontade de prazer (FREUD, 2013).

Por outro lado, Alfred Adler (1996), um dos primeiros discípulos de Freud e fundador da psicologia individual, propôs que o principal motor das ações humanas seria a vontade de poder, ou seja, a busca por autossuperação, controle e domínio sobre o ambiente e as circunstâncias. Adler acreditava que os seres humanos motivados por um sentimento de inferioridade, buscam poder como forma de se afirmar e superar suas limitações (ADLER, 1996).

4.2 Responsabilidade Existencial

Um dos conceitos mais importantes da Logoterapia é o da responsabilidade existencial, que envolve a capacidade do indivíduo de dar sentido à sua própria vida, mesmo diante das situações mais desafiadoras. Para Frankl, não se trata de encontrar um sentido pronto ou dado, mas de construir ativamente o significado da vida a partir das experiências pessoais, incluindo o sofrimento. Em palavras do próprio Frankl: "A vida nunca se torna insuportável pela falta de sentido, mas sim pela falta de uma motivação" (FRANKL, 2008, p. 88).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

4.3 Frankl e o sentido do sofrimento

Quando falamos de sofrimento, o nome de Frankl sempre vem à mente. Não somente porque a sua teoria fala sobre a atitude vivenciada frente ao sofrimento como uma das formas de se encontrar sentido na vida (FRANKL, 2024). Mas também porque, em sua vida, pôde viver na realidade nua e crua (FRANKL, 2024), o que era o sofrimento humano em meio a um dos momentos mais crueis da história humana. Mesmo diante de uma situação tão difícil, Frankl afirma:

> Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original [...] ninguém pode assumir dela o destino e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento." (FRANKL, 2024, p. 130)

Frankl (2024) afirmava que qualquer pessoa, independentemente do que passasse, poderia agir de uma forma livre e responsável, sem determinismos. Sendo assim, diante do sofrimento, ela pode encontrar uma missão. Esta incumbência é pessoal porque somente esta pessoa que sofre este determinado sofrimento nesta determinada situação pode encará-lo. Ninguém mais pode fazer isso por ela: "ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento" (FRANKL, 2024, p. 130).

No entanto, esta missão pessoal também está na forma pela qual ela supera o sofrimento que vivenciou: "na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular" (FRANKL, 2024, p. 130).

Caso se observe esta situação de abuso, ainda mais em mulheres jovens, de uma maneira leviana, pode-se achar que a vida daquela mulher acabou nos momentos de sofrimento, visto que o mesmo pode acarretar consequências para toda a vida da vítima.

Ao mesmo tempo, é preciso afirmar claramente que o presente artigo não possui a intenção de diminuir o sofrimento das vítimas de abuso nem mesmo romantizá-lo. Frankl (2024, p. 210) defende quando ensina que:

> [...] mesmo uma vítima desamparada, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma.

Tendo a consciência de que o abuso psicológico gera, de fato, uma angústia verdadeira na vítima, a intenção deste trabalho é afirmar que, apesar dessas condições extremamente sofridas, ainda há esperança. Não é uma esperança tola, mas forte e eficaz (FRANKL, 2024).

4.4 Otimismo trágico

Sendo assim, tendo em vista todo o potencial humano, o ser humano pode sempre, mesmo na adversidade, diante destes três dramáticos pontos, produzir algo muito bom. Na verdade, obter o melhor (optimum) de cada situação. Neste caso, ele consegue

> [...] transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis. (FRANKL, 2024, p. 201).

Em vista disso, as mulheres vítimas de abusos psicológicos não podem se esquecer de que "é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma". Em vez de viverem em busca da libertação das condições e determinismos que surgiram após o abuso, elas acabam se fechando à realidade, "ocupando-se apenas com a vida passada" (FRANKL, 2024, p. 121).

Estar presa ao passado e às suas consequências leva a vítima do abuso a ter grandes dificuldades de encontrar sentido diante do sofrimento. Quando ela se abre a possibilidade de encontrar a realização mesmo a essas dores, "o sentido da vida passa a ser algo incondicional ao menos potencialmente" (FRANKL, 2024, p. 216).

5 DISCUSSÃO

A partir dos fundamentos apresentados, torna-se evidente que a Logoterapia oferece caminhos terapêuticos relevantes para mulheres que sofreram abuso psicológico. Sua ênfase na liberdade interior e na capacidade de escolha permite que essas mulheres encontrem um sentido para sua vida.

A Logoterapia também oferece ferramentas para fortalecer a resiliência e a autoestima das mulheres que sofreram abuso psicológico. Em vez de se concentrarem nas feridas do passado, elas são incentivadas a olhar para o futuro e a descobrir seus próprios recursos internos. A capacidade de rir, por exemplo, "é uma indicação de que o ser humano, em face de qualquer situação, é capaz de se distanciar de si mesmo e de sua situação" (Frankl, 2017, p. 75). Por meio da busca por significado, as vítimas podem desenvolver uma nova perspectiva sobre si mesmas e sobre o mundo, encontrando forças para reconstruir suas vidas.

Frankl (2024, p. 174) afirma que "o sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido". Essa premissa é essencial para a superação do abuso psicológico, pois permite que a vítima se perceba como autora de uma história de reconstrução e não apenas como vítima de uma história de dor.

Ao estimular a mulher a refletir sobre o significado de sua dor e as possibilidades de superação, a Logoterapia atua como ferramenta de fortalecimento da identidade e da autoestima. A mulher, ao compreender que tem liberdade para decidir sua atitude frente ao sofrimento, recupera seu senso de valor e dignidade, rompendo com os determinismos impostos pelo agressor e pelo ambiente (FRANKL, 2017).

A aplicação da Logoterapia ao contexto brasileiro de enfrentamento à violência contra a mulher ainda é incipiente, mas apresenta potencial significativo. Estudos nacionais como Fonseca et al. (2020) destacam a importância de abordagens terapêuticas que integrem sentido e resiliência no acompanhamento de vítimas. Além disso, dados do CNJ (2023) evidenciam a carência de políticas públicas com foco na saúde mental das mulheres atendidas por medidas protetivas. Nesse cenário, a Logoterapia se apresenta como uma possibilidade terapêutica eficaz para apoiar a reconstrução subjetiva de mulheres marcadas pelo abuso psicológico.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A abordagem logoterapêutica também contribui para o fortalecimento da resiliência. Ao contrário de viver presa ao passado ou às marcas da violência, a vítima é convidada a olhar para o futuro com novos olhos, percebendo que pode transformar sua dor em aprendizado e sua história em missão (FRANKL, 2024).

O conceito de “otimismo trágico”, que compreende a possibilidade de crescimento mesmo em meio à dor, permite que essas mulheres redescubram forças internas, redirecionem suas vidas e ajam com responsabilidade existencial. Para Frankl (2024, p. 201), é possível “transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis”.

Em síntese, a Logoterapia contribui para que a mulher encontre um novo ponto de partida a partir do trauma, fortalecendo sua autonomia, consciência de valor e capacidade de se autodeterminar. Trata-se de uma proposta terapêutica que oferece não apenas alívio emocional, mas também transformação profunda e emancipadora (FRANKL, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Milhares de mulheres no Brasil ainda enfrentam o flagelo do abuso psicológico. É um paradoxo cruel que, em pleno século XXI, práticas de violência emocional persistam, deixando cicatrizes profundas e aparentemente indeléveis na alma das vítimas. Apesar desse cenário desolador, a Logoterapia oferece um caminho para a superação dos traumas, demonstrando que a esperança e a reconstrução são possíveis mesmo diante da dor.

Este artigo reforça a convicção de que nenhuma mulher, nenhum ser humano, merece ser desvalorizado ou manipulado. A dignidade e o valor intrínsecos a cada indivíduo precisam ser reconhecidos, protegidos e cultivados. Para que isso se concretize, é essencial compreender o verdadeiro sentido do sofrimento, transformando-o em oportunidade de crescimento e de realização pessoal.

Frankl (2024) nos lembra que, mesmo em meio às piores tempestades, a liberdade interior permanece intacta. As mulheres que sofreram abuso podem, portanto, libertar-se das amarras do passado, reconquistar a autonomia e escrever um novo capítulo em suas vidas. A Logoterapia, nesse sentido, é um convite à coragem, à esperança e à vida, um abraço que acolhe e fortalece. Não se trata de negar a dor ou fingir que as feridas não existem; ao contrário, trata-se de abraçar o sofrimento e transformá-lo em força motriz para a mudança, em trampolim para a superação.

O sofrimento, de certo modo, deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício (FRANKL, 2024, p. 174). Ao descobrir um propósito para o que aconteceu, as mulheres podem tornar-se faróis de esperança para outras que ainda lutam contra o abuso, provando que a cura é possível. No Brasil, a Logoterapia revela-se, assim, um instrumento poderoso de transformação social. Levar a mensagem de Frankl a cada canto do país é ajudar milhares de mulheres a romper o ciclo da violência e a construir um futuro pleno de significado e felicidade, uma



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

afirmação da força da palavra, do amor, da vida e da capacidade humana de florescer mesmo em terrenos áridos.

Conclui-se que a Logoterapia pode contribuir de maneira significativa para o enfrentamento da violência psicológica contra a mulher, promovendo a ressignificação do sofrimento e a recuperação da autonomia pessoal. Recomenda-se a ampliação de políticas públicas integradas de saúde mental e assistência social, com foco na capacitação de profissionais da rede de apoio. A articulação entre psicologia existencial, rede de proteção e políticas de enfrentamento à violência é fundamental para garantir acolhimento efetivo e transformação das trajetórias de sofrimento vividas por essas mulheres.

REFERÊNCIAS

ADLER, Alfred. **A prática da psicologia individual**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. PNS 2019: **Em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil>. Acesso em: 5 de março de 2025.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em:20 de fevereiro de 2025.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal**. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 143, n. 152, p. 1-3, 8 ago. 2006.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. *Cartilha de enfrentamento à violência psicológica contra a mulher*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

CASTRO, Arlete. **Pérola**. Almada: Emporium Editora, 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Silenciosa e brutal: violência psicológica atinge milhares de mulheres no Brasil.** Brasília: CNJ, 2023. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/silenciosa-e-brutal-violencia-psicologica-atinge-milhares-de-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Violência doméstica e familiar contra a mulher: orientações para a atuação do sistema de justiça.** Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

DE LIBERAL, Márcia Mello Costa; DE PAULA, Viviane Ribeiro. Síndrome de Burnout e fatores de risco para os profissionais de saúde. **Revista Científica Acertte**, v. 4, n. 3, p. e43179, 2024.

DE SOUSA, Íris Lopes; DE LIBERAL, Márcia Mello Costa. Identificação das situações de riscos e aspectos preventivos para a síndrome de burnout nos gestores de saúde. **Revista Científica Acertte**, v. 4, n. 5, p. e45187, 2024.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

FONSECA, Renata Nunes da; MORAES, Fernanda Ribeiro; SANTOS, Júlia Andrade dos. Consequências do abuso psicológico na saúde da mulher: uma revisão integrativa**. Revista de Enfermagem e Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 97-110, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus: psicoterapia e religião**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 61. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2024.

FRANKL, Viktor E. **Man's Search for Ultimate Meaning.** New York: Simon & Schuster, 1985.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia.** 1. ed. São Paulo: É realizações, 2019.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial.** 11. ed. São Paulo: Quadrante, 2017.

FRANKL, Viktor E. **Sim, à vida: apesar de tudo.** Petrópolis: Vozes, 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2013.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de violência**. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 05 de março de 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2023-2024, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QHmvMZMLZmNndm7jkRKVnSf/?lang=pt>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Understanding and addressing violence against women: psychological abuse**. Geneva: WHO, 2012. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/77432>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025.

PETER, Ricardo. Viktor Frankl*:* **A antropologia como terapia.** São Paulo: Paulus, 1999.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE E AMBIENTE (SVSA). **Violência.** Disponível em: <https://svs.aids.gov.br/daent/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/estudos/violencia/>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

SILVA, Maria Lúcia da. **Violência psicológica e relações de gênero**. São Paulo: Cortez, 2019.